

O RECONHECIMENTO DO CUJU COMO PERCURSOR DO FUTEBOL NO SÉCULO XXI

THE RECOGNITION OF CUJU AS A PRECURSOR OF SOCCER IN THE 21ST CENTURY

LEONARDO AUGUSTO TRINDADE DE MIRANDA*

Resumo: Nesta pesquisa apresenta-se algumas considerações sobre o *cuju* (蹴鞠), uma atividade coletiva que ocorreu na região da China entre os séculos III e II a.C., na qual os participantes praticavam jogos envolvendo chutes com a bola, com pequenas diferenças do futebol no mundo contemporâneo, que se moldou efetivamente no final do século XIX. O objetivo desta investigação é demonstrar que o *cuju* é importante no processo de contextualização sobre a história do esporte para o ocidente, fato que fez com que a FIFA reconhecesse no início do século XXI a prática do *cuju* como a percussora do futebol no ocidente. A partir de fontes e bibliografia, indico nesta pesquisa dois possíveis fatores históricos responsáveis por definir no mundo ocidental como os ingleses obtiveram a alcunha de “os inventores do futebol”.

Palavras-chave: Futebol; Historiografia; *Cuju*; Ásia.

Abstract: This research presents some considerations about *cuju* (蹴鞠), a collective activity that took place in the region of China between the 3rd and 2nd centuries BC, in which participants practiced games involving kicking a ball, with small differences from soccer in the contemporary world, which was effectively shaped at the end of the 19th century. The aim of this research is to demonstrate that *cuju* is important in the process of contextualizing the history of sport in the West, a fact that led FIFA to recognize *cuju* as the originator of soccer in the West at the beginning of the 21st century. Based on sources and bibliography, in this research I indicate two possible historical factors responsible for defining in the Western world how the English got the nickname “the inventors of football”.

Keywords: Football; Historiography; *Cuju*; Asia.

Introdução

O *cuju* (蹴鞠) foi uma atividade coletiva que ocorreu na região da China entre os séculos III e II a.C., na qual os participantes praticavam jogos envolvendo chutes com a bola, com pequenas diferenças do futebol no mundo contemporâneo, que se moldou efetivamente no final do século XIX. No *cuju*, o jogo era praticado com uma bola em uma área equivalente a um

* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História (PPHIST) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Discente de Pós-Graduação Lato-Sensu do curso de “Promoção de Políticas Públicas em Gênero e Sexualidade na Amazônia” pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: miirandaleo@gmail.com

retângulo. De acordo com os pesquisadores chineses, os registros desta prática apontam que o *cuju* surgiu na cidade de *Linzi*, atual *Zibo*, na província de *Shan Dong*.

O objetivo inicial dessas atividades era treinar as tropas e verificar a aptidão física dos soldados. Com o tempo, essas ações evoluíram de uma disciplina competitiva para uma bastante contemplativa, reunindo milhares de espectadores para testemunhar essas demonstrações.¹ Nessa perspectiva, defendo com esta pesquisa que o *cuju* é importante no processo de contextualização sobre a história do esporte para o Ocidente e deve ser incorporado pela historiografia do esporte, sobretudo após a Federação Internacional de Futebol (FIFA) reconhecer, no início do século XXI, a prática do *cuju* como a percussora do futebol no Ocidente, disponibilizando de forma virtual um memorial sobre as origens do *cuju*.

Sobre o *cuju*, Wang Danruo verificou que se tornou uma prática muito difundida a partir da dinastia *Han*, quando o imperador *Han Wu* passou a admirar essa atividade. Naquele contexto, o *cuju* possuía duas finalidades enquanto prática: diversão ou competição. A primeira se caracteriza por ter como objetivo o entretenimento, no qual se destacam as habilidades e técnicas pessoais, algo muito próximo do que acontece atualmente com o futebol como espetáculo².

Entre as fontes encontradas do período *Han* é possível verificar uma representação dessa prática associada ao que hoje seria uma disciplina esportiva recreativa. A outra é caracterizada por sua disciplina competitiva entre os soldados do imperador. Dentre os vários objetivos desta prática, eram instalados nos dois lados do campo de jogo “traves” (鞠室 *jū shì*) simétricas com defensores, o que no futebol atual seriam os “goleiros”, designados para cada lado do campo. Nesse contexto, dentro do próprio Palácio Real e nos locais próximos da então capital Chang’an (a atual cidade de Xi’an) foram construídos vários campos de *cù jū* (semelhantes com os campos de futebol), para que os nobres pudessem contemplar ou participar desses jogos.

Quanto à forma, os campos de *cuju* possuíam formatos retangulares e foram construídos a partir de escavações feitas na superfície, de tal modo que os assentos e paredes eram fixados ao seu redor. A partir dessas informações, é possível constatar várias semelhanças do jogo oriental com o atual futebol, fato que levou a FIFA a reconhecer o *cuju* como precursor do futebol moderno. Além disso, naquela época, durante as competições de *cuju*, duas equipes

¹ DANRUO, Wang. 王丹若. *Cuju* (蹴鞠): El origen chino del fútbol. **Revista Instituto Confucio**, n. 25, v.4, jul. 2014, p. 73.

² *Ibidem*.

tentavam marcar o maior número possível de “gols” para vencer a partida, por isso a defesa das “traves” (鞠室 *jū shì*) era uma forma de demonstrar disciplina, valor físico e bravura, elementos que estão presentes até hoje nas grandes competições de futebol internacional.

Além disso, observando essas fontes, podemos até encontrar retratos de jogadoras, penteadas com laços, vestidas com roupas de mangas compridas, chutando a bola e acompanhadas de uma performance musical, o que indica que estas atividades eram bastantes difundidas entre as famílias com maiores recursos.

Por ora, não é o objetivo desta pesquisa detalhar uma relação direta entre Oriente e Ocidente no que diz respeito às questões entre as tarefas destinadas aos homens e às mulheres de forma aplicada ao esporte ou atividades semelhantes. Porém, é fato que durante as práticas do *cuju*, nas dinastias mencionadas anteriormente, a participação de mulheres – inclusive jogando com homens – é muito mais acentuada em relação ao futebol estabelecido pelos ingleses durante o século XIX, influenciado pelas heranças culturais das sociedades europeias marcadas pelo patriarcalismo.

Fatores de declínio do *cuju* na China

Partindo das fontes analisadas sobre a prática do *cuju*, verifica-se que durante as dinastias *Han* e *Song* essas atividades alcançaram o seu apogeu, pois eram praticadas como espetáculo e apreciadas nas cortes imperiais. Da mesma forma, o seu declínio é registrado durante a dinastia *Ming*, que sucedeu a dinastia *Yuan*. Nesse contexto, os líderes das dinastias existentes no território chinês ao longo da sua história poderiam ou não manter as mesmas características de seus antecessores³. Com a popularização do *cuju* nas dinastias anteriores à *Ming*, os festivais que passaram a ser um entretenimento com álcool e mulheres desagradaram o “imperador” que liderou a nova dinastia. Com isso, o *cuju* tem seu desenvolvimento interrompido no mundo oriental. Naquele período, a dinastia *Ming* se preocupou em formar um país “culto”, conforme defende o historiador, sinólogo e escritor norte-americano Jonathan Spence:

Nos seus níveis sociais e económicos mais elevados, esta era uma sociedade altamente educada, unida intelectualmente por um grupo comum de textos que remontavam ao tempo de Confúcio, aos primeiros dias da unificação de um estado do norte da China no segundo milénio a.C. Enquanto os teóricos debatiam os seus méritos para as mulheres, a educação era rigorosa e prolongada para os rapazes de

³ ROBLES, David Martínez. *Reescrituras de la historia: China en las estrategias discursivas de la historiografía occidental*. Gerónimo de Uztariz, n. 25, 2009, p. 47.

*famílias ricas, introduzindo-os nos ritmos do chinês clássico por volta dos seis anos de idade. por volta dos seis anos de idade*⁴

Nesse contexto, a ascensão da dinastia *Ming* na China correspondeu a um relativo período de grande crescimento econômico e estabilidade política, realidade que possibilitou o florescimento de uma população “mais culta” e ligada ao aparelho de Estado, bem como à corte⁵. Nesta dinastia, também ocorreram expansões econômicas, culturais, sociais e geográficas, as quais refletiram na produção e comercialização de inúmeros objetos de luxo que preenchiam as necessidades de uma demanda daquela sociedade⁶. Portanto, diferente das dinastias anteriores, o *cuju* não era uma prática que interessava aos líderes na dinastia *Ming*. Os fatores econômico e cultural privilegiados por essa dinastia limitaram as práticas do *cuju* não somente na região da China, mas impediu a atividade de chegar até a Europa e no Ocidente enquanto esporte/modalidade, posteriormente. Nesse caso, a relação entre Oriente e Ocidente já era conhecida dos europeus, tal como destaca *Yang Min*:

O artesanato e a economia mercantil da dinastia *Ming* tornaram-se particularmente prósperos, conduzindo à emergência da cidade comercial e lançando as sementes do capitalismo. Até ao século XVI, a economia *Ming* foi estimulada pelo comércio marítimo com os portugueses, espanhóis e holandeses e, entre os séculos XVI e XVII, a China foi um dos países mais prósperos do mundo. No entanto, a política do banimento marítimo prosseguida desde o início pela dinastia *Ming* teve graves repercussões econômicas⁷

Apesar do crescimento econômico e cultural naquele período, no final do século XVI, a dinastia *Ming* somente aparentava estar no auge da sua glória. Os feitos nas áreas culturais e artísticas eram de fato notáveis e a vida urbana e comercial atingia novos níveis de prosperidade, na medida em que os conhecimentos chineses em matéria de impressão e fabricação de porcelana e seda atendiam às demandas comerciais da Europa. Dessa forma, o período definido pela historiografia ocidental como o nascimento da Europa Moderna caracterizou os primeiros Estados Nacionais no continente europeu como os exportadores globais de técnicas que forneceram ao mundo um vasto conhecimento em navegação, matemática e outras áreas. No território chinês, os governantes da dinastia *Ming* não só se afastaram das aventuras

⁴ SPENCE, Jonathan. *The Search for Modern China*. New York, Norton, 1990, p. 10-11.

⁵ *Ibidem*, p. 8.

⁶ PINTO, Carla Alferes. Alguns aspectos da arte no período Ming aquando da chegada dos portugueses a Macau. **Revista de História da Arte**. Instituto de História da Arte, FCSH/UNL, n. 9, 2012, p. 206-207.

⁷ MIN, Yang. **A cultura chinesa na dinastia Ming à luz do tratado das coisas da China (Évora, 1569-1570)**. Dissertação de Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial. Universidade do Minho. Instituto de Letras e Ciências Humanas, 2016, p. 12.

ultramarinas e do conhecimento que delas poderia advir, como iniciaram um padrão de comportamento autodestrutivo que posteriormente levaria a sua dinastia ao fim.

Se considerarmos o percurso historiográfico no qual a História progride de forma gradual da Filosofia para uma disciplina própria, o mundo europeu de certa forma sofreu influências diretas e indiretas do mundo asiático, por meio das ideias de Confúcio, pensador chinês que foi estudado amplamente pelos europeus. No início do período moderno, os jesuítas acreditavam que a maneira mais efetiva de se introduzir no mundo chinês passava primeiro por converter os seus governantes às causas cristãs, pois assim, em seguida, a população também se converteria em uma questão de tempo. Para conseguir esses objetivos, tiveram que se adaptar a uma cultura distinta e complexa como a “chinesa”⁸ Dessa forma, os religiosos europeus aprenderam sua cultura, língua, estudaram a história do seu povo e principalmente, traduziram os clássicos confucianos para línguas latinas. Com esse intercâmbio cultural, as ideias de Confúcio foram introduzidas na Europa e bem recebidas entre alguns filósofos e intelectuais do século XVII, contexto em que o Iluminismo começava a pregar as ideias de Leibniz, Wolff, Rousseau e Voltaire.

Entretanto, na segunda metade do século XVIII, esse quadro mudaria drasticamente, tanto na Europa como na Ásia oriental. As visões anteriores, construídas com a ajuda dos jesuítas e sinófilos, seriam alteradas. O motivo para tal consiste na crítica feita por outras ordens religiosas aos jesuítas, que também se adaptaram à cultura chinesa para romper com a hegemonia da “Companhia de Jesus”. Esse processo deu origem ao que conhecemos como a “Controvérsia dos ritos na China”. Ou seja, outros missionários e autoridades do Vaticano consideraram as adaptações dos Jesuítas como “sincretismo religioso”, segundo os quais formou-se uma mistura inadequada de crenças religiosas perigosas à Europa, ainda sobre a penumbra da política de Contrarreforma Católica.

Em janeiro de 1724 foi publicado o decreto de expulsão dos missionários que abrangia todos os missionários menos os que estavam em Pequim. Os missionários primeiramente, foram expulsos para Cantão, e mais tarde para Macau. As igrejas em todas as províncias foram profanadas ou destruídas. Só as igrejas de Pequim se conservavam abertas. Apesar da repressão, numerosos padres, com o risco das próprias vidas, prosseguiram no trabalho de evangelização circulando secretamente de lugar para lugar e escondendo-se geralmente em barcas. Em 1746 intensificou-se a perseguição, até que, em 1773, quando da supressão da ordem dos jesuítas deu-se por encerrada a missão de evangelização dos jesuítas na China⁹

⁸ SPENCE, Jonathan. *The Search for Modern China*. New York, Norton, 1990, p. 65.

⁹ DE ALMEIDA, A.L.S. O encontro entre a cruz e o dragão: a missão jesuítica na Chia Imperial (1579-1773). *Cadernos de História UFPE*, v. 12, n. 12 2017, p. 210.

Essa disputa ideológica no continente europeu influenciou diretamente os intelectuais europeus a partir da segunda metade do século XVIII, os quais submeteriam a China às suas ideias sobre o progresso histórico. Nesse caso, a estabilidade das dinastias chinesas que antes havia sido interpretada com uma amostra das virtudes de seu sistema político, passou a ser considerada desde meados do século XVIII como um indício de sua “falta de evolução e modernidade”¹⁰

Young Kun Kim, em sua obra intitulada *Hegels Criticism of Chinese Philosophy*, analisa as críticas feitas por Hegel à cultura asiática na região que hoje compreende o território da China. Nesse caso, os principais assuntos abordados nas conferências de Hegel sobre filosofia chinesa foram os seguintes: Confúcio, *I Ching*, *Lao Tzu*, e o culto ao Estado. Para ele:

Hegel acreditava na noção de desenvolvimento histórico. Ou seja, ele pensava que cada cultura serve como um estágio no desenvolvimento do Espírito. Assim, na sua *Filosofia do Direito* de 1821, relega o mundo oriental para um estágio inferior, e nas suas conferências sobre a filosofia da história, que começou a proferir em 1822, como já foi referido, a China é claramente definida como um país despótico e estático. Por conseguinte, não é surpreendente que Hegel não tenha podido apreciar corretamente a filosofia chinesa. No entanto, Hegel contribuiu para o estudo da filosofia chinesa ao colocar questões difíceis, às quais, receio, ainda não foi dada resposta¹¹

Nesse contexto, essas ideias filosóficas na Europa teriam influência direta na construção de uma historiografia ocidental, que exclui os valores e características asiáticas tal como foi destacado anteriormente por meio dos sinófilos. Ou seja, essa mudança de mentalidade no pensamento dominante da filosofia europeia contribuiu diretamente para a formação de uma história científica, de caráter europeu e excludente em termos de pensamentos asiáticos. Para José D’Assunção Barros:

A moderna historiografia científica nasce, portanto, deste entremeado bastante complexo, tecido e entretecido a partir de pequenas e grandes coisas: das esperanças e utopias dos iluministas às decepções e pessimismos românticos, das técnicas da crítica documental desenvolvidas pelos filólogos da igreja com vistas a desmascarar uns aos outros ao emblemático tempo retilíneo do cristianismo; do desejo de encontrar a unidade da natureza humana ao encantamento diante da extrema diversidade de todos os homens. Da equilibrada contradança realizada pela Objetividade e pela Subjetividade aos momentos em que um destes dois dançarinos assume a posição a ‘cavalheiro’ para conduzir o outro, por vezes para anular o outro. Dos mútuos acertos e tropeços entre esses dois dançarinos, de todas estas coisas e de muitas outras (...), do confronto enfim entre estas múltiplas espadas, surgirá a história científica do século XIX¹²

¹⁰ ROBLES, David Martínez. Reescrituras de la historia: China en las estrategias discursivas de la historiografia occidental. *Gerónimo de Uztariz*, n. 25, 2009, p. 47-66.

¹¹ KIM, Y. K. *Hegel’s Criticism of Chinese Philosophy*. *Philosophy East and West*, v. 28, n. 2, Sinological Torque (Apr. 1978), p. 173-180.

¹² BARROS, José D’Assunção. *Teoria da História Vol. II*. Os primeiros paradigmas: Positivismo e Historicismo. Petrópolis, RJ Vozes, 2011, p. 17.

Retornando ao debate inicial dos motivos pelos quais defendo que o *cuju* é importante no processo de contextualização sobre a história do esporte para o Ocidente e deve ser incorporado pela historiografia do futebol, a partir do exposto, fica evidente que o reconhecimento do *cuju* pela historiografia do esporte é de suma importância, uma vez que não apenas representa uma das primeiras formas estruturadas de competição em equipe, mas também influenciou (in)diretamente o desenvolvimento de jogos semelhantes em várias partes do mundo. Dessa forma, ao reconhecer a importância do *cuju* na história do esporte, a historiografia pode traçar conexões essenciais entre as diferentes culturas esportivas do passado com o presente, revelando assim a progressão e a interconexão global das práticas esportivas ao longo do tempo.

Analisar o esporte por essa perspectiva pode enriquecer a nossa compreensão sobre a história do corpo, das práticas competitivas, dentre outras, oferecendo uma perspectiva mais abrangente sobre como as atividades físicas moldaram a sociedade oriental e, posteriormente, a cultura ocidental. Portanto, o reconhecimento do *cuju* pela historiografia do esporte é não apenas relevante, mas fundamental para uma compreensão completa e precisa do desenvolvimento do esporte no mundo moderno.

Não será o objetivo desta pesquisa demonstrar ou ampliar como ocorreu o desenvolvimento do futebol na Inglaterra e no mundo. Entretanto, neste texto indico dois possíveis fatores históricos responsáveis por definir no mundo ocidental os ingleses com a alcunha de “os inventores do futebol”. O primeiro consiste nos fatores econômico e cultural privilegiados pela dinastia *Ming*, que limitou as práticas do *cuju* não somente na região da China, mas impediu a atividade de chegar até a Europa e no Ocidente enquanto esporte/modalidade. Posteriormente, o predomínio de uma historiografia europeia, especificamente inglesa e francesa, com a Escola dos Annales, influenciou diretamente na visão eurocêntrica sobre as origens do esporte, incluindo o futebol.

Portanto, o reconhecimento tardio sobre o *Cuju* como precursor do futebol se deve em parte à maneira como a história do esporte foi escrita e interpretada, principalmente por historiadores europeus que enfatizaram as conexões entre o futebol moderno e os jogos medievais europeus, a exemplo do “*mob football*” ou “*folk football*”¹³, ignorando ou

¹³ ELIAS, Norbert and Dunning, Eric. Chapter 7. Folk Football in Medieval and Early Modern Britain. **Sport: Readings from a Sociological Perspective**, edited by Eric Dunning, Toronto: University of Toronto Press, 1972, p. 116-132. Disponível em: <https://doi.org/10.3138/978144>.

subestimando as origens do esporte em outras culturas, como a chinesa com o *Cuju*. No entanto, nos últimos anos, houve um esforço crescente para reconhecer e valorizar as contribuições de outras culturas para a história do esporte, incluindo o *Cuju*.

Contraditoriamente, *A Revolução Francesa da historiografia* por meio da Escola dos Annales permitiu a essa historiografia ocidental, rever alguns pontos sobre essa contextualização do esporte. Segundo Peter Burke:

(...) a mais importante contribuição do grupo dos Annales, incluindo-se as três gerações, foi expandir o campo da história por diversas áreas. O grupo ampliou o território da história, abrangendo áreas inesperadas do comportamento humano e a grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais. Essas extensões do território histórico estão vinculadas à descoberta de novas fontes e ao desenvolvimento de novos métodos para explorá-las. Estão também associadas à colaboração com outras ciências, ligadas ao estudo da humanidade, da geografia à linguística, da economia à psicologia. Essa colaboração interdisciplinar manteve-se por mais de sessenta anos, um fenômeno sem precedentes na história das ciências sociais¹⁴

A citação acima destaca a importância do grupo dos Annales na expansão do campo da História ao abranger áreas anteriormente negligenciadas pelos historiadores tradicionais. As contribuições dos Annales incluíram a exploração de novas fontes, o desenvolvimento de novos métodos de pesquisa e a colaboração interdisciplinar com outras ciências sociais. Isso não apenas enriqueceu a compreensão da historiografia, mas também estabeleceu um precedente duradouro na história das ciências sociais. Essa abordagem mais abrangente e interdisciplinar ampliou as possibilidades de pesquisadores contestarem narrativas anteriores ou desenvolverem novas perspectivas de interpretações para os grupos sociais diversos.

Algumas considerações

Recentemente, os historiadores não europeus têm se esforçado para desafiar a visão eurocêntrica e reconhecer a diversidade de influências que moldaram o desenvolvimento do futebol ao longo da história. Isso inclui uma apreciação mais equilibrada das contribuições de diferentes culturas para a evolução do esporte global. Esses fatores podem ajudar a explicar alguns dos motivos pelos quais apesar de terem existido práticas semelhantes ao que hoje é o futebol moderno, no mundo fora da Europa, os ingleses no século XIX são considerados os “criadores e aperfeiçoadores” do esporte tal como ele é na atualidade, embora a FIFA tenha reconhecido que o *cuju* é o precursor do futebol no mundo ocidental.

Referências

¹⁴ BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia**: a Escola dos Annales 1929-1989. Tradução Nilo Odália. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991, p. 90.

- BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História Vol. II.** Os primeiros paradigmas Positivismo e Historicismo. Petrópolis, RJ Vozes, 2011.
- BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia:** a Escola dos Annales 1929-1989. Tradução Nilo Odália. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.
- DANRUO, Wang. 王丹若. *Cuju (蹴鞠): El origen chino del fútbol.* **Revista Instituto Confucio**, n. 25, v.4, jul 2014.
- DE ALMEIDA, A.L.S. O encontro entre a cruz e o dragão: a missão jesuítica na Chia Imperial (1579-1773). **Cadernos de História UFPE.** v. 12, n. 12, 2017. Publicada no Dossiê: Aspectos de História da Ásia.
- ELIAS, Norber. DUNNING, Eric. Chapter 7. Folk Football in Medieval and Early Modern Britain. **Sport: Readings from a Sociological Perspective**, edited by Eric Dunning, Toronto: University of Toronto Press, 1972, p. 116-132. Disponível em: <https://doi.org/10.3138/978144>.
- PINTO, Carla Alferes. **Alguns aspectos da arte no período Ming: quando da chegada dos portugueses a Macau.** Revista de História da Arte. Instituto de História da Arte - FCSH/UNL, n. 9, 2012, p-206-2017.
- ROBLES, David Martínez. **Reescrituras de la historia: China en las estrategias discursivas de la historiografía occidental.** *Gerónimo de Uztariz*, n. 25, 2009.
- MIN, Yang. **A Cultura Chinesa na Dinastia Ming à luz do Tratado das Coisas da China (Évora, 1569-1570).** Dissertação de Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial. Universidade do Minho. Instituto de Letras e Ciências Humanas, mai 2016.
- KIM, Y. K. **Hegel's Criticism of Chinese Philosophy.** *Philosophy East and West*, Vol. 28, Nº 2, *Sinological Torque* (Apr., 1978), p. 173-180. *Published By: University of Hawai'i Press.*
- MIRANDA, Luiz Francisco Albuquerque de. **A razão ilustrada e a diversidade humana.** Educação e Sociedade. São Paulo; Campinas, v. 27, n. 95, p. 341-360, 2006.

Fontes consultadas

Scroll by Du Jin (active circa 1465-1509) showing women courtiers playing cuju in the garden of a palace - Pergaminho de Du Jin (activo cerca de 1465-1509) mostrando cortesãs a jogar cuju no jardim de um palácio. Disponível em: <<https://www.fifamuseum.com/en/blog-stories/editorial/origins-cuju-in-china/>>. Acesso em: 02 fev 2023.

Reverse of a bronze mirror, on which men and women can be seen playing cuju together. This example is kept in the collection of the FIFA Museum - Molde de um espelho de bronze, sobre o qual homens e mulheres podem ser vistos a brincar ao cuju juntos. Este exemplo é mantido na coleção do Museu da FIFA. Disponível em: <<https://www.fifamuseum.com/en/blog-stories/editorial/origins-cuju-in-china/>>. Acesso em: 02 fev. 2023.

Scroll painting of the Qingming Festival by Zhang Zeduan (1085-1145), in ink on silk - Pintura de pergaminho do Festival de Qingming de Zhang Zeduan (1085-1145), em tinta sobre seda. Disponível em: <<https://www.fifamuseum.com/en/blog-stories/editorial/origins-cuju-in-china/>>. Acesso em: 02 fev. 2023.

Painting of cuju by Huang Shen (circa 1687-1772) - Pintura de cuju por Huang Shen (cerca de 1687-1772). Disponível em: <<https://www.fifamuseum.com/en/blog-stories/editorial/origins-cuju-in-china/>>. Acesso em: 02 fev. 2023.